

LABORATÓRIO DE CULTURA MATERIAL AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA: EXPERIÊNCIAS E RELATOS DO SEMESTRE 2002.2¹

Paulo José Nascimento Lima e Valéria Regina Abdalla²

A disciplina Laboratório de Cultura Material Africana e Afro-Brasileira pertence ao Curso de Museologia da UFBA. E como define a sua ementa, visa dar “noções de cultura material africana e afro-brasileira e suas formas de manifestação e expressão”. Sua necessidade, na referida graduação, nasce da “fome” em desenvolver um estudo mais dirigido sobre a presença e permanência da cultura africana na cultura brasileira. Consiste em atividades que versam sobre arte e processos culturais, preservação e afirmação deste conteúdo sempre permeado pelo “olhar” técnico museológico, o que ratifica sua relevância no contexto da Universidade e do Curso.

Sob a orientação da Professora Dra. Joseania Miranda Freitas e a partir das aulas expositivas, palestras, visitas técnicas, referencial teórico, anotações pessoais, pesquisas extras e postura crítica, foi disponibilizado à equipe um riquíssimo aporte para a construção e articulação do presente relato.

Nossa primeira experiência na disciplina foi uma dinâmica de grupo que objetivou verificar até que ponto a classe conhecia o continente africano. Foi um simples exercício no qual tivemos que elencar nomes de países e cidades da África e grupos étnicos trazidos para o Brasil, apontando ainda as principais características da arte africana. O resultado foi um tanto surpreendente, concluímos que não sabíamos o suficiente sobre a África, ou não tanto quanto julgávamos conhecer. A partir de então, tornamo-nos estudantes “famintos e vorazes” e enveredamos por uma análise mais aprofundada e sem idéias preconcebidas acerca das africanidades.

As palestras permitiram diálogos com autores de textos que nos serviram de referencial bibliográfico. E as atividades, embora nem sempre tivessem relação aparente com a disciplina, nos forneceram diversos pontos de vista, algumas vezes conflitantes, que pautaram questões como multirreferencialidade, desigualdade social e tecnológica, e problemas de aceitação no mercado profissional, como vimos no Colóquio Internacional *Construção de Saberes, Construção de Práticas de (In) formação Profissional*, evento promovido pela FACED/UFBA.

Esses temas foram importantes para nos esclarecer a respeito da necessidade de uma maior interdisciplinaridade entre as ciências e uma maior associação ao contexto com o qual lidamos, como pudemos verificar na palestra do Professor Dr. Jacques Ardoino, da Universidade Paris VIII, que tratou de “Cultura e multirreferencialidade”. Ardoino destaca a importância do que se produz, e não sua fonte, inspiração, origem; o importante não é o que o professor diz, mas o que o aluno fará depois. Na sua visão, no mundo técnico e econômico é importante entender que as informações são ligadas à Antropologia e que a noção de cultura é mais circular e global, mais plural e, talvez, contraditória: não são as coisas que mudam, mas o olhar que damos a elas – assim é que conseguimos transformar o mundo. Ainda, adverte para que a nossa epistemologia é muito cartesiana, e os enunciados científicos são os mesmos, não importa onde e como. O que vai estabelecer o diferencial é o contexto em que eles serão inseridos, considerando a compreensão das “multirreferencialidades” de cada país, grupo ou região. Deste modo, são necessárias competências próprias a cada disciplina, sendo essencial entender que não podemos abarcar todo o conhecimento existente, contudo devemos ter noções das disciplinas fronteiriças à nossa. Não podemos saber tudo, mas se não procurarmos esse “saber poliglota”, não conseguiremos usar bem a “máquina” do conhecimento (a internet se encaixa neste quadro).

Em contraposição a Ardoino, detentor de um saber acadêmico e institucionalizado, saindo do âmbito do Colóquio, pudemos dialogar com a Professora Vanda Machado, Doutoranda em

¹ Relato de atividade da disciplina Laboratório de Cultura Material Africana e Afro-Brasileira, sob a orientação da Professora Dra. Joseania Miranda Freitas, do Departamento de Museologia (UFBA).

² Acadêmicos do Curso de Museologia da Universidade Federal da Bahia – UFBA.

Educação, que nos falou de “Cultura popular e afro-brasilidade”; da origem da feijoada nos terreiros e daquela oferecida nas comunidades após um mutirão para construção de uma casa, a título de confraternização; relata também sobre o orixá Ogum e sua “flexibilidade” escondida por traz de sua aparência rígida.

Contrapõe, ainda, a visita técnica ao Terreiro Oxumaré, na Av. Vasco da Gama, em Salvador, momento que nos proporcionou um contato direto com a religião afro-brasileira, seus costumes, história e conceitos – todos passados pela oralidade e tradição, nem por isso menos relevantes. Ali descobrimos a luta da comunidade por sua afirmação na sociedade e a responsabilidade que envolve o candomblé. Entretanto, reportando-nos ao mesmo Colóquio, a Professora Dra. Vanilda Paiva apontou a necessidade da consciência acerca da “nova era capitalista”, suas implicações no campo educacional e profissional e a necessidade de constante requalificação; além do processo de transplantação cultural que faz as culturas mudarem no local para onde migraram e se modificarem ao mesmo tempo no sítio de origem. Porém, conclui sua palestra afirmando que “esse país é a maior democracia racial do mundo”. Esta afirmação entra em total contraste com o quadro apresentado pela própria palestrante e com o que nos foi passado pelo Professor Antônio Cosme.

Descrevendo a África pré-colonial, o Professor Cosme nos mostra o quão dificultoso é a vida do negro ainda hoje, por conta das raízes herdadas e perpetuadas pela sociedade colonizadora. Na fala do professor foi possível aprender que, ao contrário do que pensávamos, a África antes da invasão colonial não era atrasada, os povos já haviam produzido conhecimentos e técnicas, obras de grande valor nos campos da arquitetura, escultura, música, oralidade, entre outros.

Esses fatos nos obrigaram a refletir ainda mais sobre os processos de transplantação cultural relatados pela Professora Vanilda Paiva. Em experiências extras ao âmbito acadêmico/escolar, para um apurado exercício do saber, a equipe teve acesso a dois documentários exibidos em uma mostra de cinema sobre a África, na sala Walter da Silveira, na Biblioteca Pública do Estado. *A Ponte*, um filme moçambicano dirigido pelo brasileiro Licínio Azevedo, conta a história de camponeses, de uma região muito pobre de Moçambique, na construção de uma ponte, em busca de maior desenvolvimento para o local. Além da religiosidade, que para eles não é dissociada das outras atividades, o filme mostra os hábitos do povo daquela região e a sua consciência de coletividade e criatividade para solução de problemas comuns. O segundo documentário, intitulado *Histórias* com Licínio Azevedo, é uma entrevista dirigida por Pola Ribeiro, cineasta, com o diretor do filme anterior, realizada nas dependências da Biblioteca Pública do Estado, durante um festival internacional de cinema em 1999.

Na entrevista, Azevedo relata os anos 1970, 1980 e 1990 em que esteve radicado em Moçambique e sua experiência junto ao Instituto Nacional de Cinema daquele país. Seu conteúdo foi importante para termos um parâmetro do país nas últimas décadas; das conseqüências causadas pela colonização; da questão das fronteiras africanas construídas pelos colonizadores, que chegou a separar famílias em territórios diferentes; e, novamente da religião, aspecto marcante para os africanos em geral.

Então, a partir da visão da África pré-colonial fornecida por Antônio Cosme, dos relatos de Licínio Azevedo acerca de povos africanos atualmente, da visita ao Oxumaré, e das culturas populares por Vanda Machado, pudemos compreender e concordar com a Professora Vanilda Paiva, quando ela descreve a transplantação cultural, e, ao mesmo tempo, discordar dela e dizer que “este país **não** é a maior democracia racial do mundo”. Verificamos também a visão de subcultura que é designada aos africanos e afro-descendentes, mesmo aqui na Bahia.

Em vista do que foi apresentado, e embasados em fatos recentes como a polêmica cota para negros em universidades, pudemos sustentar nossa “contra-afirmação”. Temos a consciência de que o negro, em sua maioria, não dispõe de meios igualitários no processo educacional para promover a constante requalificação profissional, necessária ao mercado de trabalho atual, de que nos falou Paiva.

Com a leitura do texto *A arte dos povos sem história*, de Sally Price (1996), confirmamos a nossa posição. O texto aborda idéias formadas por ocidentais acerca da arte e história africanas,

como aparecem em livros e museus; e como aparecem representadas entre os chamados povos “primitivos”. Diz que muitas “autoridades” acreditam que a África não tem história, pois o homem ocidental nega que povos ágrafos possuam história e que sua arte represente um sentimento coletivo, e não individual. Desse modo, todos têm as mesmas capacidades e conhecimentos, e, assim, a arte não é feita sob inspiração do artista, compara-se à linha de montagem das fábricas.

E essa ótica é repetida em nossas escolas, pois Price (1996) demonstra isso através dos livros de História da Arte, que afirmam que a arte africana “[...] não dá sinais de evoluir na direção das civilizações históricas”, ou que possui um “desenvolvimento retardado”, como é o caso de historiadores da arte como H. W. Janson e Bernard Myer respectivamente, além de Enerst Gombrich, que se refere à arte negra como “expressão criadora no nível mais infantil da humanidade”.

Dentre as ações recentes para corrigir esse equívoco, destacamos a Lei Federal nº 10. 639 de 9 de janeiro de 2003, que altera uma Lei de 1996 e institui o “Dia Nacional da Consciência Negra” e o estudo das africanidades nos estabelecimentos de ensino.

Ações como essa evitam que nós nos surpreendamos, por exemplo, quando ouvimos dizer que a África pré-colonial não era tão atrasada, e os povos dali possuíam sinais de desenvolvimento tecnológico e uma organização social bem estruturada, e que suas técnicas permitiam a fundição do ferro a temperaturas que ultrapassavam 1800°, reportando-nos mais uma vez ao Professor Antônio Cosme. E, que em uma simples dinâmica de grupo em sala de aula percebamos que pouco conhecemos sobre a África, embora esta seja presença marcante no Brasil e em sua cultura. Ações como essa permitem ainda, uma melhor consciência no tratamento do acervo destas culturas.

É o que notamos no texto *Acervos etnográficos: reflexões/problemáticas*, do Professor Marcelo Cunha³, que aborda o surgimento dos diversos museus etnográficos. Mais tarde, em uma situação interessante, foi possível o diálogo com o autor do texto quando este palestrou para a turma.

Cunha expôs que os objetos da cultura material africana estariam meio que “depositados” nessas categorias de museus, por serem fetichizados, exóticos e não haver um local específico para eles. Ressalta ainda, a carência de museus de arte sacra africana e afro-brasileira, de história africana, entre outros. No caso particular de Salvador há a presença do Museu Afro-Brasileiro/UFBA.

Em uma segunda palestra do Professor Cunha, complementada com aulas da Professora Joseania Freitas, tivemos conhecimento de um novo projeto de exposição para este museu, que aborda os movimentos de resistência negra e as revoltas, entre outros, enfatizando mais o lado da consciência, despertando uma visão criteriosa acerca da história e arte africana e afro-brasileira.

Já em outra experiência ímpar com a Professora Suely Cerávolo⁴, outra oportunidade para conversarmos com a co-autora de um material que nos serviu de aporte teórico (MUNANGA e CERÁVOLO, 1989), foi possível discutir suas experiências na construção do texto que relaciona a terra e a fecundidade feminina transpostas para objetos materiais como bonecas, por exemplo.

De maneira geral, as bonecas dos povos africanos que as adotaram em suas culturas possuem um fundamento teórico: a ligação delas com a fecundidade da mulher. Porém, os povos possuem costumes peculiares no trato das bonecas e na forma de aplicá-los no cotidiano. Isto prova que a África é um vasto continente, isto é, apresenta diversidades culturais, de costumes, de conceitos. É um grande engano supor que os costumes entre os *Fon* é o mesmo entre os *Fang* ou *Senúfo*.

Assim, em uma postura autocrítica, esclarecemos que embora a experiência de Licínio Azevedo em Moçambique tenha sido tomada como parâmetro para refletir a África na atualidade, ela não pode ser generalizada. Deve sim, ser encarada como parte de um todo e devidamente contextualizada. Tratou-se de uma vivência de décadas; porém vividas por um estrangeiro, em terras alheias, lidando com culturas alheias e sem nenhuma intenção científica.

³ Professor do curso de Museologia, Doutorando em História/PUC-SP.

⁴ Professora do curso de Museologia, Doutoranda em Ciência da Informação/USP.

Diante do que foi observado, pesquisado e analisado durante o andamento da disciplina e na feitura do relatório final, a equipe entende que as considerações devem permear o conteúdo apreendido por seus integrantes neste processo. Foi notada a nossa evolução e amplitude dos conhecimentos acerca da cultura e história africana e afro-brasileira.

Assim, percebemos quão é importante um estudo mais aprofundado sobre África nas instituições de ensino. É impossível a compreensão da nossa cultura sem a cultura africana. Esta é determinante na história e na formação do povo brasileiro. Convém lembrar a importância de outros povos na construção da nossa história; porém estes já ocupam muitas páginas dos livros e aulas nas escolas, não é preciso que se lute por mais espaço para a história dos europeus, por exemplo, no sistema educacional brasileiro. Sendo a disciplina Laboratório de Cultura Material Africana e Afro-Brasileira pertencente ao curso de Museologia, voltamo-nos ao conteúdo estudado com um “olhar” técnico.

E a partir do sistema desta Ciência, que compreende Documentação, Conservação, Exposição e Ação Cultural e Educativa nos Museus, é possível destacar a importância do museu no cenário social, como meio de difusão cultural, de produção, de circulação de significados e de preservação. E sendo uma instituição que lida com o patrimônio, é primordial destacar as mudanças conceituais sofridas ao longo do tempo; que incluíram as noções de tangível e intangível.

A documentação é responsável pelas informações referentes ao acervo do museu, pela preservação da memória; se ela falha, compromete toda a estrutura museal. É de fundamental importância que as informações não sejam distorcidas. Por exemplo, a cultura africana deve ser mostrada como ela é, nenhum julgamento deve fazer parte de uma documentação e, como veremos, de uma exposição.

A informação contida numa exposição não deve mostrar o ponto de vista do museólogo ou do historiador; deve despertar o senso crítico e o potencial criativo do público. O museu deve ser imparcial. É o visitante que deve construir sua opinião acerca de um determinado assunto. Ainda sobre exposição, é importante que museu não dissocie o objeto do seu contexto: é preciso buscar a multirreferencialidade destacada por Ardoino.

A preservação e a conservação do acervo são fundamentais para se garantir sua integridade, e para garantir a preservação da memória. Preservando a cultura aqui enraizada, a afro-brasileira, o museu, como meio facilitador, pode contribuir para a Educação.

Como ação cultural, o museu pode desenvolver um trabalho em que os afro-descendentes não se sintam inferiorizados por sua raízes, mas pelo contrário, sintam-se orgulhosos e conheçam as razões positivas para isto. Por fim, faz-se interessante mostrar que a equipe concorda com o Professor Marcelo Cunha, quando ele diz que é de fundamental importância a participação ativa do museólogo em todas as etapas, desde a pesquisa de campo e coleta, até a exposição e preservação de tais peças. Ele fala também que são indispensáveis a comunicação e interação do museólogo com profissionais de outras áreas, dentro e fora do museu.

Dirigindo-nos para o nosso contexto, ao mesmo tempo em que moramos na capital com o maior número de negros do País e vemos essa ebulição cultural, estamos próximos dos terreiros e vamos ao Pelourinho, embora haja algo de construído nessa relação, não conhecemos quase nada do continente que deu origem a isso tudo.

Na Escola de Belas Artes, temos aulas de História da Arte, Arte Contemporânea, Arte Brasileira, e em nenhuma delas há o devido destaque para a arte negro/africana, que não se encaixa em tendências ou movimentos estéticos tal qual a arte ocidental e não deve ser vista como algo simples e exótico. Assim, construímos ao mesmo tempo uma relação paradoxal de proximidade e distância com essa cultura. Sabemos da nossa ascendência européia, o local e a região da Europa; já da nossa descendência africana o que sabemos é que somos afro-descendentes, e nada mais. É como se todo um conjunto de países e culturas fossem uma só massa.

Nesta altura é que age a Museologia, para que situações como essas não sejam perpetuadas, para que tenhamos maior conhecimento das culturas “alheias” e saibamos lidar com elas sem preconceitos. E, para tanto, faz-se importante frisar os conhecimentos passados por Dr. Jacques Ardoino – que nos expôs a necessidade de possuímos um “saber poliglota”; é assim que a

Museologia deve procurar agir, dentro do campo da interdisciplinaridade, com a Antropologia, a História, a Arte e outras disciplinas. Enfim, o que se pretendeu expor e relatar foi o que aconteceu, e acontece, com uma cultura que é transplantada de um lugar para outro por uma outra dita dominante. E ainda, o papel diplomático da Museologia e das outras disciplinas, como dinamizadora e meio para o desenvolvimento de ações mais conscientes destes fatos, preparando a sociedade para o futuro.

REFERÊNCIAS

CUNHA, Marcelo N. B. da. Acervos etnográficos: reflexões/problemáticas. Salvador, s/d. 5 p. (impresso).

LEI Federal n.º 10.639 de 09 de janeiro de 2003.

MUNANGA, K. e CERÁVOLO, S. **Fertilidade da terra e fecundidade da mulher**: símbolos e suportes materiais nas sociedades negro-africanas. Dédalo, São Paulo: USP, 1989.

PRICE, Sally. **A arte dos povos sem história**. Afro-Ásia. Salvador: UFBA, 1996.